



Ciências Sociais Unisinos

ISSN: 1519-7050

periodicos@unisinos.br

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Brasil

Mocellin, Maria Clara

Empresários e intelectuais: agentes culturais e valorização de um grupo étnico  
Ciências Sociais Unisinos, vol. 50, núm. 3, septiembre-diciembre, 2014, pp. 253-264

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

São Leopoldo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=93835316009>

- [Como citar este artigo](#)
- [Número completo](#)
- [Mais artigos](#)
- [Home da revista no Redalyc](#)

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

# Empresários e intelectuais: agentes culturais e valorização de um grupo étnico<sup>1</sup>

Entrepreneurs and intellectuals: Cultural agents and valuing of an ethnic group

Maria Clara Mocellin<sup>2</sup>  
claramocellin@gmail.com

## Resumo

*O presente trabalho tem como propósito investigar um processo identitário de promoção de um grupo étnico, tomando como foco temporal as décadas de 1970-1980, período marcado por um processo de modernização da economia da região de Caxias Sul (RS). Para explicar tal processo de valorização da cultura local, denominado aqui de valorização da italianidade, tomamos como universo de pesquisa dois grupos, intelectuais e empresários, pois os consideramos agentes sociais importantes na produção de simbologias étnicas. Os dados da pesquisa revelaram as relações estreitas entre empresários e intelectuais, estabelecidas na medida em que eles se uniam para implementar estratégias de desenvolvimento regional e promover a cultura local. Neste trabalho, chamamos a atenção para um processo específico de associação de capitais, o econômico e o intelectual, articulado por estratégias de grupos de interesse, para legitimar e reconhecer um campo de conhecimento, bem como pelas ações para valorizar e promover a cultura local. Para mapear a rede de relações entre esses dois grupos, trabalhamos com trajetórias de empresários e intelectuais envolvidos na promoção da cultura local e no desenvolvimento regional.*

**Palavras-chave:** empresários, intelectuais, grupo étnico.

## Abstract

*The article aims to investigate an identity process of promotion of an ethnic group by focusing in the 1970s and 1980s, since this period is characterized by a process of modernization of the economy in the region of Caxias Sul, in Rio Grande do Sul State. In order to explain this process of valuing the local culture, which is here called valuing italianity, the research project focuses on two groups, viz. intellectuals and entrepreneurs, since they are considered important social actors in the production of ethnical symbols. The research data showed close relations between entrepreneurs and intellectuals, established as they got together to implement strategies for regional development and to promote the local culture. The paper highlights a specific process of association of economic and intellectual capital, articulated through strategies of interest groups designed to legitimate and recognize a field of knowledge, as well as through actions designed to value and promote the local culture. In order to map the network of relations between these two groups, the article discusses trajectories of entrepreneurs and intellectuals involved in the promotion of the local culture and in regional development.*

**Keywords:** entrepreneurs, intellectuals, ethnic group.

<sup>1</sup> Uma versão anterior deste artigo foi apresentada no 37º Encontro Anual da ANPOCS, realizado de 23 a 27 de setembro de 2013, na cidade de Águas de Lindoia, São Paulo.

<sup>2</sup> Universidade Federal de Santa Maria. Av. Roraima, 1000, Camobi, 97105-900, Santa Maria, RS, Brasil.

O trabalho aqui proposto parte de um estudo sobre a promoção e valorização de um grupo étnico, no caso, os descendentes de imigrantes italianos da região de Caxias do Sul (RS), em um período de modernização da economia regional (Mocellin, 2008)<sup>3</sup>.

Desde as primeiras observações de campo na cidade de Caxias do Sul, chamavam-me a atenção os vários eventos e espaços de manifestações culturais ligados à valorização da cultura local, destacando o símbolo do imigrante italiano, seus descendentes, e alguns sinais diacríticos que conferiam distintividade étnica a um grupo. As décadas de 1970 e 1980 foram marcadas por um processo de valorização da cultura local manifestada em diversas instâncias e instituições. Dentre alguns eventos, lembro aqui as festividades de aniversário da imigração italiana, como a do centenário, em 1975. Na oportunidade, foi produzido um Álbum de Comemoração ao Centenário da Imigração, no qual eram exaltadas as biografias de imigrantes italianos ou seus descendentes que hoje são considerados industriais *bem-sucedidos*. Também as Festas da Uva e do Vinho são exemplos de divulgação e promoção dos símbolos de origem, com a finalidade de homenagear os antepassados e promover a comunidade “para fora” do grupo. No que tange às políticas culturais, destacam-se aquelas relacionadas à preservação do patrimônio material e imaterial, à organização e recuperação das fontes documentais e orais e aos roteiros turísticos, denominados de turismo histórico ou de tradição. Também destaca-se o surgimento de associações italianas, com o objetivo de incentivar os descendentes de imigrantes italianos a valorizarem sua origem. Dentre as atividades promovidas por essas associações, menciono os cursos de língua italiana, a programação de viagens à Itália e o auxílio à obtenção da cidadania italiana.<sup>4</sup>

Foi a partir do cenário aqui descrito, envolvendo eventos e agentes promotores da cultura local, que tomei como tema de pesquisa as décadas de 1970 e 1980, na região de Caxias do Sul (RS), com o propósito de investigar um processo identitário de promoção de um grupo étnico. Delimitei meu objeto de estudo a um universo de pesquisa composto por dois grupos: um no âmbito do capital econômico, os empresários, e o outro no âmbito do capital cultural, os intelectuais locais. Considero que os empresários e os intelectuais são promotores desse processo de valorização da cultura da imigração, pois, como agentes sociais, possuem um papel importante no que tange à produção das representações “autorizadas” sobre a sociedade.

Essa constatação se evidenciou por meio das várias atividades em que esses dois grupos se encontravam envolvidos. Os intelectuais, por exemplo, atuavam como produtores culturais, nas secretarias e centros de cultura, e também como produtores de um conhecimento local, por meio de publicações sobre o tema regional ligado à imigração italiana. Os empresários eram apontados como modelos exemplares, sendo os protagonistas das histórias de pioneiros bem-sucedidos veiculadas pela imprensa local. As atividades desses empresários não se limitavam à esfera empresarial: era comum vê-los envolvidos em atividades públicas, como aquelas referentes à cultura, à educação e também à política.

O que me chamava a atenção era a vasta literatura sobre a imigração italiana e seus desdobramentos na região. Havia obras sobre a imigração na região colonial italiana escritas por diversos tipos de intelectuais locais: desde memorialistas, cronistas, padres e literatos até intelectuais acadêmicos. Escolhi como universo de pesquisa estes últimos, e me perguntava sobre as razões que os levaram a escrever sobre a imigração italiana, por que produziram com tanta frequência textos sobre essa temática e, finalmente, que sentidos assumiam as suas ações culturais para si próprios e para a sociedade local.

Também observava, na sociedade local, a forma como as trajetórias dos empresários eram representadas: como modelos exemplares. Na literatura produzida pelas empresas (informativos das empresas), os percursos dos empresários eram narrados enfatizando o sofrimento e a coragem dos antepassados para superar as adversidades da imigração, abordando igualmente o “espírito empreendedor” e a ousadia dos empresários que se aventuravam na indústria. A representação mais recorrente na sociedade local era aquela que associava o empresário a um herói civilizador, na medida em que ele era visto como um agente importante na transformação de uma sociedade preponderantemente rural, baseada na pequena propriedade da terra, em uma sociedade urbana, em que predominava a indústria.

No meu entender, a contribuição dos empresários para a valorização da cultura local era mais notada no discurso que associava o progresso da região à imigração italiana do que nas ações ligadas ao agenciamento da italianidade, mesmo que alguns deles tenham se envolvido na criação de associações italianas com o intuito de incrementar suas relações comerciais com empresários italianos. Os ganhos econômicos (relações comerciais ou empresariais com a Itália) eram pouco significativos. Os ganhos eram simbólicos, diziam respeito à busca de uma origem

<sup>3</sup> Este estudo resultou na minha tese de doutorado sobre trajetórias de intelectuais e empresários da região de Caxias do Sul (RS) em um período de modernização da economia regional e, ao mesmo tempo, de valorização da cultura local (Mocellin, 2008).

<sup>4</sup> Em estudo realizado na cidade de São Paulo (Chiarini, 1992), com o objetivo de analisar como se reformula a noção de italianidade na última década, a autora constata, entre os representantes do governo e empresários italianos, a introdução de um discurso que transmite uma imagem desenvolvida e moderna da Itália. Constata-se isso na substituição do termo “imigrante” por “italiani all'estero”, a partir da década de 1980, como símbolo de modernidade, contrapondo-se à figura antiga do imigrante. Cito esta obra pela semelhança com o caso aqui estudado, no que diz respeito à valorização da cultura italiana ocorrida a partir da década de 1970.

na Itália que os distinguiria dos "brasileiros" e os associaria a um modelo de progresso.

Os dados da pesquisa revelaram existir relações estreitas entre empresários e intelectuais, o que me fazia refletir sobre um processo de associação de capitais, o econômico e o intelectual, na promoção e valorização de um grupo étnico. As relações entre empresários e intelectuais se estabeleceram na medida em que eles se uniam para implementar políticas culturais e estratégias de desenvolvimento regional, em um momento de modernização da economia da região e de valorização da cultura local. Era a partir dessas constatações que me questionava a quem (ou a que grupos) interessava promover esse processo identitário. Para responder a esses questionamentos, mapeei alguns grupos de intelectuais, identificados por uma rede de relações com interesses comuns em estudos e políticas culturais, bem como algumas situações em que empresários e intelectuais apareciam juntos na organização de festas, seminários, políticas de cultura e de desenvolvimento regional. A Universidade de Caxias do Sul apareceu como uma instância importante para entender a rede de relações entre empresários e intelectuais.

As atividades profissionais dos empresários e dos intelectuais não se restringiam às atividades empresariais ou docentes. Vimos empresários atuando como professores, compondo o Conselho da Fundação Universidade de Caxias do Sul (FUCS) ou assumindo a sua presidência e, também, exercendo cargos, como o de reitor da Universidade de Caxias do Sul (UCS). Essas são algumas das atividades de tais empresários fora do campo empresarial, e poderíamos listar outras tantas. Por sua vez, os intelectuais também atuavam fora da universidade. Em geral, representando-a em comissões culturais e de desenvolvimento regional, conjuntamente com empresários.

A constituição de uma élite empresarial capaz de manter poder econômico e político foi um dos fatores importantes do desenvolvimento econômico da cidade de Caxias do Sul. Alguns autores que investigaram os processos de desenvolvimento regional e cultural de Caxias do Sul (Santos<sup>5</sup>, 2004; Herédia e Machado, 2001; Borba, 2003) enfatizam o poder de articulação político das elites empresariais. Borba (2003) chamou atenção para o fato de a classe empresarial criar um espaço urbano-regional adequado às suas atividades. Isso era visto no esforço dos empresários em desenvolver ações, com diferentes agentes, para implementar estratégias de desenvolvimento do parque industrial, como foram os projetos dos centros tecnológicos e de capacitação de mão de obra nas décadas de 1980 e 1990. A Universidade de Caxias do Sul foi uma peça importante desse sistema regional de centros produtores de conhecimento e tecnolo-

gia. Atualmente, a UCS oferece atividades de ensino, pesquisa e extensão, por meio de programas acadêmicos e de prestação de serviços voltados aos municípios de sua abrangência regional<sup>6</sup>.

A região de Caxias do Sul<sup>7</sup> foi marcada por diferentes processos migratórios desde a sua fundação. Tal fenômeno tem sido, em grande medida, responsável pela ocupação de seu território e, ao longo de sua história, pelo crescimento de sua população, pela formação de sua mão de obra e pelo dinamismo de seu parque industrial regional (Mocellin *et al.*, 2012).

Esses dois grupos, empresários e intelectuais, pertencem às chamadas elites locais, emergentes nas décadas de 1960 e 1970. No que diz respeito aos empresários, eles se tornaram mais importantes quando setores do empresariado local foram beneficiados por uma política desenvolvimentista adotada no país, abrindo, assim, o chamado processo de modernização econômica dessa região. Em relação aos intelectuais, cabe destacar que, no final da década de 1960, foi criada a Universidade de Caxias do Sul, momento de formação dos intelectuais aqui estudados. No plano das representações sociais, os anos das décadas de 1970 e 1980 são marcados tanto por uma vasta literatura sobre o tema da imigração italiana como também por um redimensionamento das políticas culturais praticadas pelos produtores culturais. Podemos definir tal processo como um campo específico de conhecimento, ligado aos estudos de imigração italiana, a partir dos anos 1970, cujos principais agentes são intelectuais de ascendência italiana da Universidade de Caxias do Sul. Concebo esses agentes como um grupo de interesse (Cohen, 1978), que se configura a partir de uma agenda de pesquisa ligada à temática da imigração italiana. Essa agenda envolve tanto interesses de pesquisadores italianos, voltados aos estudos da imigração italiana no Brasil, quanto de pesquisadores brasileiros, mais especificamente da Universidade de Caxias do Sul. Esse processo se tornou mais visível durante o ano de comemoração do centenário da imigração italiana, em que foram programadas atividades que mobilizaram diferentes agentes, tais como intelectuais, produtores culturais, empresários, políticos, dentre outros. Os intelectuais se mobilizaram na organização e articulação de seminários, debates, políticas de preservação, grupos de pesquisa e produção de publicações voltadas à temática da imigração italiana.

## Intelectuais: redes e trajetórias

Os intelectuais que compõem o universo deste trabalho foram identificados a partir de suas obras e de alguns grupos for-

<sup>5</sup> Para Santos (2004), a localização de Caxias do Sul (contato de convergência entre as colônias e os campos de cima da serra) e a rápida constituição de uma burguesia capaz de deter poder econômico e político são, entre outros fatores, os responsáveis pelo desenvolvimento econômico da cidade.

<sup>6</sup> Atualmente, a Universidade de Caxias do Sul possui 37 mil alunos espalhados pelos seus *campi* e núcleos, abrangendo um total de 70 municípios no estado do Rio Grande do Sul.

<sup>7</sup> A cidade de Caxias do Sul está localizada no nordeste do estado do Rio Grande do Sul. Caxias do Sul é um dos municípios que compõem a Região Colonial Italiana, pois foi colonizado por imigrantes italianos a partir de 1875. Segundo o censo do IBGE-2010, sua população é de 435.564 habitantes.

mados em razão de interesses de pesquisas e de ações culturais. Ao tratar das trajetórias<sup>8</sup> desses grupos de intelectuais, demonstrarei como eles se articulavam por meio de uma rede<sup>9</sup> de relações, definida por interesses comuns. Nessa rede cruzavam-se instituições, agências financeiras, relações internacionais, interesses regionais, relações pessoais e de parentesco. Essas atividades envolviam contatos com intelectuais de outras instituições, fora e dentro do estado, em especial com intelectuais italianos.

A partir de um levantamento do trabalho dos intelectuais ligado aos estudos de imigração da Região Colonial Italiana, pude ter uma visão geral do período de maior produção sobre o tema, assim como dos autores mais expressivos em relação à circulação, publicação e quantidade de obras. Após a leitura de alguns livros, artigos e anais de congressos, comecei a esboçar os debates que aconteceram nas décadas de 1970 e 1980 sobre a temática. Dessa forma, pude identificar grupos de intelectuais que se articulavam para produzir obras, realizar seminários, desenvolver projetos de pesquisa e também atuar em políticas culturais ligadas ao tema da imigração. Esses intelectuais tinham, em sua maior parte, formação em Filosofia, História e Letras e eram professores da Universidade de Caxias do Sul.

Entrevistei 12 intelectuais e/ou produtores culturais, entre os anos de 2001 e 2004. Dentre eles, cinco professores da UCS, um ex-professor da UFRGS, quatro produtores culturais ligados à Secretaria de Cultura do município de Caxias do Sul e dois presidentes de duas associações italianas existentes em Caxias do Sul. Observei alguns casos de intelectuais que atuavam como professores da Universidade e estavam, ao mesmo tempo, envolvidos em atividades ligadas à política cultural do município.

Os primeiros escritos sobre imigração italiana, especialmente aqueles dos álbuns comemorativos, exaltavam sua contribuição ao estado do Rio Grande do Sul. Nesses escritos, os imigrantes italianos eram tratados como *pioneiros, desbravadores, como heróis civilizadores*. O mito do progresso era apresentado em tais álbuns por meio das trajetórias de imigrantes e desen-

dentes que se transformaram em empresários e comerciantes bem-sucedidos.

A década de 1970, momento a partir do qual se iniciou uma produção significativa sobre o tema da imigração italiana, caracterizou-se pelos estudos de cunho acadêmico em oposição àquelas até então realizados por escritores e cronistas, que tinham o propósito de exaltar a contribuição dos italianos e de seus descendentes no estado e se encontravam publicados em encyclopédias e álbuns comemorativos.

Nos estudos acadêmicos, constata-se o interesse pelos estudos da língua. A preocupação desses intelectuais em explicar as influências linguísticas teve como resultado trabalhos sobre a formação de uma comunidade ítalo-brasileira. Tal comunidade era formada por grupos étnico-linguísticos mistos, constituindo um supradialeto, uma coiné<sup>10</sup>.

Outro grupo importante foi o de intelectuais vinculados ao Projeto ECIRS<sup>11</sup>, que tinham como preocupação a recuperação e a valorização da memória. Os trabalhos desenvolvidos pela equipe do projeto ECIRS constituíram um mapeamento da cultura material e imaterial da região, envolvendo as seguintes temáticas: patrimônio edificado, religiosidade popular, artesanato, educação, mitos, ritos e musicologia, entre outras. Foram trabalhos desenvolvidos por uma equipe multidisciplinar, que tiveram como resultado um vasto levantamento de dados sobre a região. Durante as décadas de 1970 e 1980, os intelectuais do ECIRS se dedicaram ao levantamento de dados e, ao mesmo tempo, desenvolveram ações culturais pela recuperação da memória da Região Colonial Italiana. Tais ações culturais se desenvolveram em parcerias com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN e com o Instituto Nacional do Folclore, entre outros organismos, tendo como resultado a produção de discos, exposições fotográficas e publicações de livros.

Esses mesmos propósitos apareciam na parceria de dois intelectuais ligados à criação de uma editora, a EST<sup>12</sup>, e ultrapassavam o levantamento das fontes documentais e a tomada de

<sup>8</sup> Para analisar as trajetórias dos intelectuais e empresários, parti da crítica que Bourdieu (2000) fez à noção de história de vida. Utilizo a noção de trajetória dando ênfase aos deslocamentos de posições ocupadas pelos agentes dentro de um campo de conhecimento específico, em que se configuram os estudos sobre imigração italiana. Porém, retenho as ideias de temporalidade e de sujeito (Kofes, 2001), pois penso que as trajetórias são construídas considerando as próprias visões dos agentes em relação ao sentido que eles dão aos seus deslocamentos. Da mesma forma, enfatizo as marcas que os sujeitos imprimem às suas interpretações quando analiso as trajetórias dos empresários. A noção de trajetória possibilitou estabelecer vínculos com a história social da região.

<sup>9</sup> Parto do conceito de rede social estabelecido por Barnes (1987) como um campo social formado por relações entre pessoas. Essas relações podem ser definidas por critérios subjacentes ao campo social, como de vizinhança e amizade, que, por sua vez, podem agrupar conexões de parentesco e econômicas. As redes são construções abstratas que o investigador define de acordo com um critério; ou seja, as relações estabelecidas na rede se determinam por algum critério subjacente, o que permite identificar estruturas sociais que, geralmente, não estão formalmente definidas pela sociedade.

<sup>10</sup> Coiné é definida por Frosi e Mioranza (1975) como uma mescla dos dialetos vênetos mais representativos, com influências lombardas mais ou menos acentuadas, segundo a maior ou menor presença de falantes de ascendência lombarda. Os autores concluem que, no início, a comunidade italiana do nordeste do Rio Grande do Sul se apresentava como pluridialectal e que, hoje, o fato linguístico predominante é o bilinguismo – neste caso, contatos da língua portuguesa com a coiné de tipo italiano.

<sup>11</sup> Projeto Elementos Culturais das Antigas Colônias do Rio Grande do Sul (ECIRS), criado oficialmente em 1978, na UCS, por professores oriundos dos departamentos de Letras, Educação e Filosofia. Seus interesses de pesquisa eram voltados aos estudos culturais.

<sup>12</sup> EST Edições, da Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, iniciou em 1970, sob o nome de Editora Sulina, com o objetivo de publicar a produção literária de frades da província, religiosos e eclesiásticos. No campo editorial geral, propuseram-se temas de imigração, colonização, escravidão, indigenismo, com destaque à cultura popular (Costa e De Boni, 1996). A EST foi a editora que mais publicou obras sobre os imigrantes italianos e seus descendentes. A Coleção *Imigração Italiana* ultrapassou o número de 300 obras publicadas. Um dos projetos de maior visibilidade na comunidade local, publicado em 1983 pela EST, foi a série *Assim Vivem os Italianos*.

depoimentos. A criação da EST possibilitou a publicação da sua produção, bem como da de outros autores. As boas relações com a Fundazione Agnelli<sup>13</sup> resultaram na organização de simpósios, em publicações de livros e na montagem de cursos de língua italiana. Um desses intelectuais atuou também como produtor cultural, o que deixava ainda mais claro seu propósito de fortalecer e afirmar a identidade dos descendentes de italianos. É nesse tipo de trabalho que a intenção de tomar a pesquisa como meio de valorização da cultura de um determinado grupo étnico se apresenta de forma mais explícita.

O projeto de criação do Arquivo Histórico de Caxias do Sul, que envolveu alguns professores da UCS, teve como propósito a recuperação da memória regional. Na metade dos anos 1970, duas professoras da UCS desempenharam um papel importante na organização e recuperação das fontes documentais de Caxias do Sul. Dando continuidade a esse trabalho, a equipe do Museu e Arquivo Histórico desenvolveu um trabalho de recuperação de fontes documentais<sup>14</sup> e orais<sup>15</sup>. Resultaram desse trabalho as publicações *Cenas, Memória e Ocorrências*<sup>16</sup>. Elas revelam o objetivo desse grupo de valorizar a cultura local, fazendo uso de fontes documentais e orais.

Diferentemente dos grupos acima citados, a trajetória de três professores da UCS é marcada pela sua formação acadêmica em instituições nacionais, do centro do país, e italianas, bem como pelo desenvolvimento de projetos de pesquisa na UCS. Tais projetos abordavam a situação histórica e social dos imigrantes e de seus descendentes, como também o processo de industrialização e urbanização da região de colonização italiana. Nesses estudos, havia várias influências, desde as teorias marxistas, passando pelas teorias da aculturação e assimilação dos anos de 1950-1960, até alguns desdobramentos da teoria marxista através de autores brasileiros, como foram os casos de José de Souza Martins e Otávio Ianni, entre outros (ver Mocellin, 2008).

Como explicar tal empenho dos intelectuais em produzir sobre a temática da imigração italiana e, sobretudo, em planejar e desenvolver ações culturais? Já foram mencionadas as estratégias de grupos de interesse para legitimar e reconhecer um campo de conhecimento e as ações culturais para promover um grupo étnico. Também o sentimento de identificação grupal, nutrido pela ideia de pertencimento a uma origem comum

(Weber, 1994), poderia explicar o empenho desses intelectuais. Vale lembrar aqui a formação escolar e acadêmica obtida em instituições da Igreja Católica. Nas décadas de 1950 e 1960 – momento em que esses intelectuais realizaram sua formação secundária e acadêmica –, os movimentos da Ação Católica (AC) passavam por um crescente processo de politização. Houve o envolvimento ativo da Juventude Estudantil Católica (JEC) e da Juventude Universitária Católica (JUC) no movimento estudantil. Isso ajudou a AC a rejeitar sua antiga missão de evangelização (Bruneau, 1974). Nesse momento, uma das mentoras do Projeto ECIRS se envolveu na JUC e trabalhou com alfabetização de adultos. Outro intelectual que compunha a equipe do Projeto ECIRS envolveu-se na Juventude Operária Católica (JOC).

A ação cultural desenvolvida por tais intelectuais parece ter relação com o tipo de formação recebida por eles nas instituições e movimentos da Igreja Católica e em outros movimentos populares que tinham como propósito algum tipo de ação política<sup>17</sup>. A vida escolar em instituições de ensino ligadas à Igreja Católica possibilitou a esses intelectuais uma ascensão social, além de facilitar o acesso dos mesmos a instituições acadêmicas – no caso da maior parte deles, à UCS. O fato de atuarem como docentes dessa universidade também é um elemento que contribuiu para o seu envolvimento com a temática da imigração. Essa universidade foi a principal instituição que incentivou a produção acadêmica desses intelectuais na área da imigração. Vale lembrar que a Faculdade de Filosofia, criada em 1959, que abrigava os cursos de Pedagogia, Filosofia, História e Letras Neolatinas, foi o local em que tais intelectuais se inseriram durante a década de 1960. Tal faculdade era mantida pela Mitra Diocesana. A inserção de alguns desses intelectuais na UCS pode ser explicada por meio de uma rede de relações estabelecidas por influências religiosas.

Os intelectuais aqui analisados se apresentam ao estudo como aquilo que poderíamos chamar de intelectuais orgânicos, voltados não só à produção acadêmica, mas também à ação cultural. Essa questão será retomada mais adiante. Na medida em que os intelectuais desenvolveram ações culturais e escreveram sobre os descendentes de imigrantes, eles estavam conferindo visibilidade e reconhecimento tanto a um grupo étnico como também a si próprios e, assim, se diferenciavam por meio de um capital adquirido no campo acadêmico.

<sup>13</sup> A Fondazione Giovanni Agnelli é um instituto de cultura e pesquisa no campo das Ciências Humanas e Sociais. Foi fundada em 1966 pela Fiat, por ocasião dos 100 anos de Giovanni Agnelli, fundador da Fiat. Sua sede é em Torino (<http://www.fga.it/la-fondazione/origine-e-scopi.html>).

<sup>14</sup> Existe, no Arquivo Histórico, uma Unidade de Documentação Pública (arquivo permanente), constituída de documentos correspondentes às diferentes fases da administração pública de Caxias do Sul. Integram essa seção os arquivos da Diretoria da Colônia Caxias (1875-1884) e da Comissão de Terras e Medição de Lotes (1884-1896), bem como o arquivo da Administração Pública Municipal, formado pelos conjuntos documentais da Junta Municipal (1890-1892), da Intendência Municipal (1890-1930) e da Prefeitura Municipal (1939-1960).

<sup>15</sup> Cabe mencionar o Banco de Memórias, formado por entrevistas com pessoas que se destacaram na vida pública, política, econômica e social de Caxias do Sul.

<sup>16</sup> O boletim *Memória* foi publicado entre os anos de 1980 e 2002, totalizando 24 números. O tema central era a memória da cidade de Caxias do Sul. A publicação *Cenas* tinha como objetivo divulgar a história da fotografia em Caxias do Sul. Foram publicados cinco números, entre 1984 a 2000. A publicação *Ocorrências* era elaborada a partir de exposições fotográficas, que ocorreram entre os anos 1980 e 1990.

<sup>17</sup> Segundo Mincato (2004), os movimentos da Ação Católica na Região Colonial Italiana, assim como as pastorais da Igreja Católica, utilizavam o método da análise "Ver-Julgar-Agor". Ele consistia de reflexões críticas, voltadas à análise e à atuação prática.

## Empresários: trajetórias e relações de poder

Em 2001, comecei a mapear o grupo dos empresários que pretendia entrevistar. Para tanto, utilizei como fonte complementar os resultados de uma pesquisa realizada por mim na Universidade de Caxias do Sul sobre trajetórias de grupos empresariais (Mocellin, 1998). Nessa pesquisa, trabalhei com 15 empresas da Região Colonial Italiana e considerei tanto aquelas com trajetórias ascendentes quanto as com trajetórias descendentes, independentemente de seu tamanho, de sua produtividade e de seu crescimento econômico.

A partir desse estudo, comecei a esboçar algumas trajetórias de empresários, usando informações extraídas de entrevistas realizadas para o projeto já mencionado, bem como da literatura local sobre o tema (dados estatísticos, estudos regionais, artigos de jornais e revistas, além de materiais informativos das empresas). Eram trajetórias de empresários de primeira geração nas administrações, designadas pelos meios de comunicação e pela literatura local como trajetórias de *empreendedores e pioneiros*.

Após a elaboração dessas trajetórias, meu interesse de pesquisa se voltou para as entrevistas com empresários herdeiros que representavam a segunda, a terceira e a quarta gerações nas administrações. Em razão dos dados de campo apontarem para as relações estreitas entre empresários e intelectuais da UCS, entrevistei quatro empresários ligados à Universidade de Caxias do Sul, todos em atividades de ensino ou ocupando cargos administrativos na Reitoria e no Conselho Diretor da Universidade. Totalizei, pois, 15 entrevistas.

Além das entrevistas efetuadas e das fontes consultadas, participei de alguns eventos para cuja realização esses dois grupos contribuíram. Acompanhei parte da programação dos eventos que envolveram as Festas da Uva de 2002 e 2004, como também participei de seminários, lançamentos de livros e outros eventos culturais organizados por intelectuais da UCS e da Secretaria de Cultura de Caxias do Sul.

Trabalhei com três tipos de empresários: os fundadores das empresas, os herdeiros das mesmas e aqueles que se ligaram às empresas pelo seu conhecimento técnico. Os primeiros, os fundadores, possuem ascendência italiana, são netos de imigrantes italianos, criaram suas empresas durante as décadas de 1950 e 60 e acabaram se beneficiando com a expansão do setor metal-mecânico na região. Atualmente, teriam entre 75 e 85 anos de idade. Na sua formação, pesava mais a experiência adquirida nos trabalhos desenvolvidos em empresas locais do que um conhecimento técnico adquirido em instituições de ensino. Suas trajetórias são marcadas pela habilidade de aglutinar esforços em vários campos, entre eles o econômico, o político, o

social e o cultural. E isso é notado pela participação ativa de tais empresários na criação e direção de associações de classe, tais como a Câmara de Indústria, Comércio e Serviços de Caxias do Sul (CIC). Durante a gestão dessa geração de empresários na CIC, verificou-se o empenho deles em planejar estratégias para consolidar determinados setores da indústria, como o metal-mecânico, por exemplo. O projeto de criação de uma Escola Técnica de 2º Grau, com o envolvimento da UCS, revelava seu esforço em qualificar a mão de obra local e também já demonstrava seu poder de articulação com a universidade. A presença dos empresários, por meio da CIC, na resolução da crise político-administrativa pela qual a UCS passou na década de 1970 demonstrou também tal poder de articulação.

Os grupos empresariais presididos por tais empresários possuem perfil moderno, foram criados na década de 1950 e são de grande porte, tendo em média um quadro de 4 mil funcionários. Apresentam uma estrutura corporativa composta por várias empresas que atuam em segmentos variados e estão estruturadas na forma de *holdings* familiares. Esses empresários são filhos de pequenos empreendedores ou de funcionários de empresas locais. Antes de constituírem suas empresas, eles trabalharam em diversos setores da economia local: nas funções de contadores ou viajantes comerciais, como também em pequenos empreendimentos familiares. Alguns deles envolveram-se na criação de pequenas sociedades, muitas vezes desfeitas e refeitas com outros sócios. Essas atividades, aliadas à herança familiar, possibilitaram-lhes adquirir capital inicial para montar suas sociedades atuais.

A maior parte desses grupos empresariais passou por um processo de expansão nos anos 1970, por meio de duas estratégias: a abertura de seu capital e a obtenção de investimentos junto a agências financeiras, como o Banco Regional de Desenvolvimento Econômico (BRDE), o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e a Caixa Econômica Federal. Eles abriram seu capital transformando-se em sociedades anônimas na década de 1970, mesmo que alguns já houvessem iniciado esse processo na década de 1950<sup>18</sup>. O desenvolvimento dessas empresas ligadas ao setor metal-mecânico está associado à política desenvolvimentista adotada no país durante os anos 1950 e 1960 (Herédia, 1997). Por outro lado, observamos que, localmente, outros elementos explicam o seu desenvolvimento, como, por exemplo, as relações de poder local, ligadas às relações familiares e aos padrões de herança.

Quanto aos empresários herdeiros, a maior parte deles frequentou os cursos de engenharia ou administração de empresas. Alguns deles chegaram a passar um período no exterior para estudar línguas estrangeiras e realizar cursos de pós-graduação, como também para trabalhar em empresas da família instaladas fora do país. Foi essa geração de herdeiros que se envolveu na re-

<sup>18</sup> Segundo Morais (1999), havia, no final da década de 1960 e início da de 1970, um forte empenho do governo em criar condições de capitalização das empresas, canalizando a poupança popular. "A substituição de importações e de capital fez surgir um elenco de medidas legais, criando e estimulando o mercado de capitais" (Morais, 1999, p. 152).

estruturação administrativa desses grupos empresariais nos anos de 1990, transformando-os em *holdings* familiares. Também foi com essa geração de herdeiros que se iniciaram as parcerias com empresas estrangeiras com forte presença nos mercados mundiais, na forma de *joint-ventures*. A intenção era buscar novas tecnologias e, assim, construir parcerias que agregassem, além de tecnologia, mercados e recursos para investimentos. Os herdeiros, assim como seus pais, participaram ativamente de associações de classe, como era o caso da Câmara de Indústria, Comércio e Serviços de Caxias do Sul (CIC) e da Associação Nacional dos Fabricantes de Implementos Rodoviários (ANFIR), e de sindicatos, como era o caso do Sindicato Mecânico Rodoviário (SIMEFRE), em São Paulo. Os herdeiros demonstraram, assim como os seus pais, habilidade para aglutinar esforços em vários campos, como o econômico, o político e o social.

Quanto aos empresários executivos que se ligaram a esses grupos empresariais pelo seu conhecimento técnico, eles não são caxienses. Mudaram-se para Caxias do Sul em razão da demanda por empregos gerados por essas empresas nas áreas de economia, engenharia, publicidade, computação, dentre outras. Alguns deles, após um período, fundaram sua própria empresa. A maior parte dos entrevistados nessa posição, além de assumir cargos executivos em empresas locais, vinculou-se à universidade como professores, participando como membros do Conselho Diretor da UCS – representando a CIC – e também como presidente da Fundação Universidade de Caxias do Sul (FUCS). Um dos entrevistados foi reitor, diretor do Centro de Ciências Econômicas, e se dedicou, durante a sua gestão como reitor (1987-1994), em tecer alguns elos entre as empresas e a universidade. Isso resultou na criação da Escola de Mecatrônica-SENAI e do Centro Tecnológico de Mecatrônica (MTC). A intenção era a implementação de centros tecnológicos e de capacitação de mão de obra. Enfim, as trajetórias desses executivos foram marcadas pelas relações estabelecidas entre empresas, universidade e sociedade local. Da mesma forma que os demais empresários acima descritos, esses também dispunham de habilidades para transitar por campos distintos.

Do universo de 15 grupos empresariais investigados, apenas num deles havia uma herdeira ocupando um cargo na diretoria. O universo empresarial ligado aos cargos de diretoria e conselho administrativo é formado por homens, sejam eles os fundadores dos grupos empresariais, os seus herdeiros ou os executivos contratados. Em geral, as filhas mulheres dos empresários fundadores não trabalhavam nas empresas; em alguns casos, seus maridos se vinculavam às empresas. Elas exerciam profissões liberais, eram professoras ou se responsabilizavam pela organização da vida doméstica e social da família. As mulheres eram herdeiras de bens, mas não de cargos. No caso dessa empresária herdeira, que ocupava o cargo de diretora financeira do grupo empresarial de sua família, ela era uma exceção à regra. E, quando comentava o seu caso, dizia que foi o seu pai quem a induziu a esse cargo e que, na empresa, sempre teve a função de controlar as finanças. Antes disso, iniciou a carreira no magistério, desistindo em seguida. Se compararmos o modo como a geração dos fundadores e a dos herdeiros concebem o trabalho empresarial familiar, podere-

mos notar que há mudanças entre elas. A geração dos fundadores das empresas é uma geração identificada com o *habitus* camponês do trabalho ligado à pequena propriedade familiar. Como já demonstrei em outro trabalho (Mocellin, 1993), a família camponesa, ligada à pequena propriedade da terra, era marcada por escolhas familiares e não individuais. Isso pode ajudar a entender a importância que o trabalho familiar assumia para a geração dos fundadores das empresas. Para eles, o trabalho familiar representava a possibilidade de adquirir capital econômico, acumular bens, de modo que, para tanto, muitas vezes, eles privavam suas famílias desses ganhos, orientando-as à prática da poupança. Nas gerações dos herdeiros, parece-me que a concepção de trabalho está associada à formação profissional e também à possibilidade de usufruir do capital acumulado.

Em poucos casos, verifiquei a participação de empresários em cargos político-partidários. Porém, era notável a sua habilidade para se articular com o poder político, em vários âmbitos, em benefício de seus negócios empresariais. Enfim, suas trajetórias eram marcadas pela capacidade de empreender e aglutinar esforços em vários campos.

## Universidade de Caxias do Sul: o nó na rede de relações

Após ter descrito as trajetórias de intelectuais e empresários, constatei o quanto a UCS representa uma instância privilegiada para identificar algumas relações entre esses dois grupos. Ela acaba se configurando num dos nós da rede de relações, permitindo, assim, o cruzamento de relações entre empresários e intelectuais. Tais relações se estabelecem a partir de dois tipos de atividades desenvolvidas na UCS: as relacionadas às políticas de pesquisa e de ação cultural local, que privilegiam a temática da cultura regional, e as relacionadas às políticas, para implementar estratégias de desenvolvimento regional.

A UCS é uma instituição de ensino constituída sob a forma de uma fundação. É uma entidade jurídica de direito privado, instituída em 1974. Seu Conselho Diretor é formado por várias representações, entre elas, a Mitrá Diocesana de Caxias do Sul; a prefeitura da cidade; o governo do Estado do RS; a Câmara de Indústria, Comércio e Serviços de Caxias do Sul (CIC); o Ministério da Educação e a Associação Cultural e Científica Nossa Senhora de Fátima de Caxias do Sul.

A composição do Conselho Diretor demonstra uma rede de influências de campos distintos. Resulta de alianças entre o poder público e organizações da sociedade civil. Dentre estas últimas, estão os empresários, representados por dois membros da CIC. Tal conselho elege o reitor e o presidente da FUCS, sendo que, até o ano de 2002, o reitor acumulava os dois cargos. Em 2002, pela primeira vez, a FUCS foi presidida por um representante da CIC, que ocupava a dupla posição de empresário e professor na UCS.

O debate sobre a universidade comunitária/regional, ocorrido na UCS durante os anos 1980, revelou muitas das relações

entre empresários e intelectuais. A concepção de universidade comunitária/regional partia da premissa de que ela poderia se tornar um centro difusor de conhecimento e de tecnologia, servindo de apoio ao desenvolvimento regional. Um dos mentores do projeto de uma universidade comunitária foi um economista que ocupou a dupla posição de empresário (num dos maiores grupos empresariais de Caxias do Sul) e de professor na UCS. Chegou a publicar, em 1989, sobre o tema, tratando do perfil das universidades comunitárias (Morais, 1989). Vale lembrar que ele foi reitor da UCS no período de 1987 a 1990. Nas suas próprias palavras, ele se definia como um "bicho da goiaba", em razão de assumir essa dupla posição, e assim aproximar o meio empresarial do acadêmico. Outro mentor do projeto de uma universidade comunitária/regional foi um professor, assessor da Pró-Reitoria de Planejamento da UCS e, após, pró-reitor no período 1990-1997. Ele escreveu sua dissertação de mestrado sobre o projeto de regionalização da UCS, defendida em 1995 (Pozenato, 1995). Ele também ocupava a dupla posição de intelectual acadêmico e produtor cultural e, em 2005, assumiu o cargo de secretário da Cultura do município de Caxias do Sul. Houve um tempo em que ele se dedicou ao estudo da cultura regional, tanto sobre literatura quanto sobre imigração. Nas duas posições, de pesquisador sobre o tema da regionalidade e de pró-reitor (planejando estratégias de desenvolvimento regional), ele se deparava com o conceito de região. Num artigo sobre tal temática, esse professor definia a regionalização como "um programa de ação voltado para o estabelecimento ou reforço de relações concretas formais dentro de um espaço que vai sendo delimitado pela própria rede de relações operativas" (Pozenato, 1996, p. 6). O Projeto de Regionalização<sup>19</sup> da UCS contemplava tanto os interesses dos intelectuais em investigar questões regionais, quanto os dos empresários de uma educação tecnológica<sup>20</sup>.

Concordo com Bourdieu (1989) quando este autor afirma que os regionalismos se desenvolvem dentro de um campo de disputas, no qual grupos com diferentes posições e interesses se enfrentam, estando em jogo o monopólio da imposição de uma definição legítima da divisão do mundo social. O regionalismo é um caso particular de lutas simbólicas, envolvendo agentes organizados ou não, na conservação ou transformação das relações de forças, simbólicas e econômicas, ligadas à identidade social.

Seguindo essa lógica, conseguimos entender em parte a ação de alguns intelectuais e empresários para alterar o sentido de determinadas características regionais estigmatizadas. Para Bourdieu (1989), a reivindicação regionalista é também uma resposta à estigmatização. Mesmo no caso aqui descrito, envol-

vendo agentes sociais pertencentes a elites, em uma região que sofreu forte modernização econômica, poderemos ver representações estigmatizadas de *colono* ou de região periférica. É nessas situações que os agentes sociais buscam estratégias, seja no plano das representações simbólicas, seja no das econômicas, para inverter o sentido e o valor das características estigmatizadas.

A UCS se tornou uma instância privilegiada na rede de relações entre empresários e intelectuais. Nessa instituição, eles se encontravam para planejar estratégias de desenvolvimento regional, tais como a criação de uma Escola Técnica de 2º Grau (visando à qualificação da mão de obra), a criação de centros tecnológicos (caso do CTM/Senai)<sup>21</sup>, o projeto de Incubadora Tecnológica (ITEC)<sup>22</sup>, dentre outras. Um dado revelador da presença do empresariado em assuntos comunitários foi sua atuação na resolução da crise político-administrativa da Universidade de Caxias do Sul, na década de 1970. Criada em 1967, a Associação da Universidade de Caxias do Sul passou por uma grave crise, que demandou a intervenção do governo federal, através do Ministério da Educação. A solução foi a criação de uma fundação de direito privado, para dar sustentação à própria universidade. Entre as várias instituições que fizeram parte desta fundação estava presente a Câmara de Indústria, Comércio e Serviços de Caxias do Sul. Herédia e Machado (2001) demonstraram como, após a constituição da Fundação Universidade de Caxias do Sul, em 1973, a CIC passou a ter papel decisivo na administração da instituição, não só através do apoio institucional que lhe prestou, mas também por meio de apoio financeiro. O fato de os empresários estarem representados no Conselho na FUCS repercutia também na política acadêmica da UCS. Resulta daí o projeto de regionalização que contemplou cursos tecnológicos.

Os empresários incentivavam as pesquisas e ações culturais na área da cultura regional, especificamente as que tratavam do campo da italianidade. Afinal, tal tema, de alguma forma, remetia às suas origens familiares e ao desenvolvimento social e econômico de suas empresas. Alguns empresários se envolviam dando algum tipo de suporte financeiro a essas pesquisas.

## Ações culturais e promoção de um grupo étnico

A valorização da cultura local num momento de modernização econômica estava vinculada às ações culturais de intelectuais que contribuíram para transformar em símbolos

<sup>19</sup> O Projeto de Regionalização se caracteriza, sobretudo, por um programa de gestão de acesso de pessoas da região à universidade. A UCS é uma universidade regional que possui três *campi* e seis núcleos, com 37.841 alunos, abrangendo 70 municípios, que se localizam além da Região Colonial Italiana.

<sup>20</sup> O Projeto de Regionalização da UCS deu ênfase à educação tecnológica, com a criação de cursos de tecnologia de nível superior, voltados para as necessidades concretas do setor produtivo (Pozenato, 1995).

<sup>21</sup> O Centro Tecnológico de Mecatrônica (CTM) apoia as indústrias na realização de transformações tecnológicas, com a utilização de máquinas, ferramentas de comando numérico, controladores lógicos programáveis, robôs industriais, computação gráfica, etc. Para tanto, possui um laboratório para desenvolvimento de sistemas autônomos de produção e também faz treinamento, qualificação, pesquisa e assistência técnica.

<sup>22</sup> Tem como propósito apoiar a formação e consolidação de micro e pequenas empresas tecnologicamente inovadoras, prioritariamente nas áreas metal-mecânica, eletroeletrônica, de informática, biotecnológica e de novos materiais. Foi inaugurada em 1998.

positivos elementos considerados pejorativos no passado. Igualmente, essa valorização se vinculava ao discurso empresarial que associava o progresso da região à imigração italiana. Tais ações também se justificavam pelo sentimento de identificação e pertencimento a um grupo étnico, partilhado entre intelectuais e empresários. Entendo que esse tipo de ação cultural contribuiu para a transformação de alguns estigmas ligados à origem rural dos descendentes de italianos. Na medida em que reviviam, recuperavam e recriavam tais atividades ligadas ao mundo rural, eles conferiam positividade à sua origem e reafirmavam sua identidade, de base étnica e rural.<sup>23</sup>

Tais tipos de ação cultural, como as provas das "Olimpíadas Coloniais"<sup>24</sup>, elaboradas para a Festa da Uva<sup>25</sup>, selecionavam alguns elementos do passado para representar os descendentes no presente. Assim fazendo, contribuíram para transformar em símbolos positivos elementos considerados pejorativos no passado<sup>26</sup>. Na medida em que houve reapropriações de tradições do passado, estas foram úteis, no presente, para reforçar um sentimento de pertencimento. Tais tradições culturais podem servir de "porão", de "reservatório", onde se irão buscar, segundo as necessidades, traços culturais que funcionarão como sinais dia-críticos para uma identificação étnica, como constatou Carneiro da Cunha (1987).

Penso que essas ações dos intelectuais se configuravam como estratégias simbólicas para promover e valorizar um grupo étnico, nos moldes que Cohen (1978) definiu. Entendo, como esse autor, que os grupos étnicos se aproximam dos grupos informais de interesse, pois não manifestam objetivos explícitos e também não são organizados de forma racional e burocrática.

Para entender essas relações étnicas, é necessário contextualizar o que ocorreu nas décadas de 1970 e 1980: um processo

de afirmação de identidade, que dá visibilidade a um grupo étnico que, por meio de alguns agentes, adota estratégias simbólicas para conferir a si mesmo reconhecimento e diferenciação.

Tal processo de diferenciação é identificado na interação entre grupos estabelecidos, como o dos descendentes de imigrantes italianos, que compõem a maior parte da classe média e das elites locais, e o dos recém-chegados, migrantes de origem luso-brasileira<sup>27</sup>, que irão constituir a mão de obra da indústria local. Um exemplo dessa interação marcada pela diferenciação é a representação do trabalho como distinção étnica, em que a autorrepresentação de "mais trabalhador", "mais qualificado" e "mais apto ao trabalho" é atribuída aos descendentes de imigrantes italianos. Tal representação se elabora como um discurso dominante de um grupo étnico, que busca nas origens algumas marcas distintivas, como a língua, a culinária e a religião. Como bem apontava Barth (2000), esses sinais diacríticos são aqueles que os próprios sujeitos consideram significativos e que são escolhidos para conferir distintividade a determinados grupos étnicos. É nessas interações que são identificados os membros e os não membros de um determinado grupo étnico. Não é por acaso que a representação do trabalho como distinção étnica se afirma com tal força nos anos 1970-1980, período em que se intensificam os fluxos migratórios internos, sobretudo os oriundos de regiões próximas a Caxias do Sul, como os Campos de Cima da Serra. Tal representação é resultado desse encontro interétnico.

Parece-me que os empresários e os intelectuais, aqui apresentados como agentes culturais importantes, produziram diferentes simbologias da italianidade, que, por sua vez, acabaram nutrindo sentimentos de identificação e pertencimento grupal entre os descendentes. Tais ideias e simbologias se apresentaram, em alguns casos, sob a forma de representações domi-

<sup>23</sup> Seyferth (1993), ao tratar da imigração alemã no Vale do Itajaí-SC, destaca a noção de pioneirismo como virtude étnica. No caso analisado por ela, as representações dos pioneiros estão relacionadas a um *ethos* do trabalho, no qual as virtudes camponesas se transformam em virtudes étnicas.

<sup>24</sup> As provas das "Olimpíadas Coloniais" são adaptações alegóricas das atividades dos colonos, ligadas aos valores e às atividades originárias do modelo de agricultura familiar predominante na região de colonização italiana. Dentre elas: manejar o trator, a carriola e a plantadeira; debulhar o milho; amassar a uva; fazer a massa. As provas são de três tipos: velocidade (corrida de trator, corrida de plantadeira, debulhar milho, corrida de carriola); resistência (amassar uva com os pés, fazer *bíglis*, pau da *cuccagna*, laço de vaca parada, arremesso de queijo) e jogos de bodega (Santos, 2004). *Cuccagna* ou *cocanha* é uma expressão que remete a uma terra imaginária, na qual haveria fartura, riqueza, liberdade. Na literatura sobre a imigração italiana, são recorrentes as histórias sobre imigrantes que deixam a Itália em direção ao *Paese da Cuccagna* (País da Abundância). Essa era uma das representações do Brasil para os imigrantes, imagem que os agentes da imigração ajudaram a construir.

<sup>25</sup> A Festa da Uva de Caixas do Sul teve seu início na década de 1930, como uma festa agrária que celebrava a vindima. Em março de 1931, foi realizada uma exposição de uvas e vinhos, chamada de Festa das Uvas. Essa festa se restringiu à cidade de Caxias do Sul e aos municípios vizinhos. No decorrer dos anos, a festa foi se alterando e incluindo os discursos, a exposição, o desfile de carros no corso alegórico, os banquetes e a distribuição de uvas, o canto e a dança, os festejos populares. Quanto ao corso de carros alegóricos, desde o seu início, colocava-se em cena o mundo rural simbolizado pelos produtos uva e vinho (Ribeiro, 2002, p. 105, 117). Conforme Santos (2004, p. 121), a literatura local identifica, na história da Festa da Uva, o período de 1994 até os dias atuais como uma volta às origens. Tal período de retorno às origens coincide com a criação da Comissão Comunitária da Festa da Uva, quando a festa passa, então, a ser organizada pelo município. Segundo Santos (2004), o retorno à comunidade e às origens não faz a festa deixar de ser controlada pela elite local.

<sup>26</sup> Um estudo que corrobora essa ideia de agenciamentos estratégicos é o de Lopes (2011), quando descreve os diferentes agenciamentos para tornar difuso o Círio de Nazaré, resultando numa formação inclusiva que aglutina a diversidade de identidades amazônicas sob o manto da identidade católica.

<sup>27</sup> Regina Weber (2002) chama a atenção para a classificação que distingue os "brasileiros" dos "de origem", presente tanto no Rio Grande do Sul quanto em Santa Catarina. Segundo a autora, tal classificação tem a peculiaridade de se sobrepor à tradicional classificação que divide a sociedade brasileira em negros e brancos, pois a categoria "brasileiros" (luso-brasileiros) engloba tanto negros, índios e mestiços quanto brancos descendentes de portugueses. A inclusão na categoria "de origem" pressupõe descendência europeia para um grupo que tenha se dedicado à terra.

nantes de uma sociedade, tal como a representação do trabalho como forma de distinção étnica ou a associação do imigrante a um *herói civilizador*. Enfim, essas representações simbólicas circulam ainda pela sociedade e nutrem sentimentos de pertencimento grupal, mesmo que permeados por tensões culturais, como as que existem entre os grupos já estabelecidos e os recém-chegados.

## Considerações finais

Para concluir, tratarei de dois aspectos fundamentais para entender o processo de elaboração das representações acerca da promoção de um grupo étnico ou *italianidade*: (i) a possibilidade de conceber a UCS e a rede de relações estabelecida a partir dela como um fato social total e (ii) a classificação dos empresários e dos intelectuais segundo a concepção de intelectuais orgânicos de Gramsci (1978).

Na medida em que apresento a UCS como um nó da rede de relações entre empresários e intelectuais, vislumbro a possibilidade de compreender tal instituição e os diferentes tipos de relações que se estabelecem a partir dela como um fato social total<sup>28</sup>, nos termos de Mauss (1974). O caráter dessas relações está indissociavelmente vinculado ao econômico, ao político, ao social, ao simbólico, bem como aos desejos individuais. As ações que envolveram empresários e intelectuais na implementação de estratégias de desenvolvimento regional não estão dissociadas das pesquisas e ações culturais que trataram da temática da cultura regional. Quando analisei a representação nativa do trabalho como distinção étnica, percebi que as relações econômicas estavam associadas às representações simbólicas e que se poderia entender a categoria nativa trabalho somente quando apreendida nessa inter-relação. Enfim, o processo de valorização da cultura local aglutinava diferentes agentes, instituições, interesses e também sentimentos de pertencimento grupal, e, nessa rede de diferentes relações, a UCS se tornava uma instituição agregadora. Sua atuação regional/comunitária envolvia campos e interesses distintos, tais como o acadêmico, o político, o empresarial e o religioso, dentre outros. É por esse caráter agregador da universidade que ela se tornava um foro em que diferentes relações e interesses se cruzavam, estabelecendo vínculos de obrigação, dependência e reciprocidade entre diferentes indivíduos e grupos.

Quanto ao segundo aspecto, entender a atuação dos intelectuais e empresários segundo a concepção de intelectuais orgânicos de Gramsci, deve-se ressaltar que a atuação dos mesmos extrapolava os campos empresarial e acadêmico. Como já foi descrito anteriormente, em várias situações e eventos os empresários e os intelectuais atuavam em conjunto. Tomei a UCS como um foro revelador da rede de relações estabelecidas a partir da atuação desses dois grupos.

A capacidade intelectual dos empresários de dirigir, de empreender<sup>29</sup> e de aglutinar esforços, tanto no campo empresarial quanto nos campos social, político e acadêmico, revela o caráter orgânico atribuído por Gramsci a uma determinada categoria de intelectuais.

Segundo Gramsci (1978), no mundo moderno, a categoria de intelectuais se ampliou. Eles nem sempre foram criados pelas suas necessidades de produção, mas por necessidades políticas. No caso do objeto de estudo aqui tratado, os dados apontam para outras relações que ultrapassam as necessidades sociais de produção: as relações étnicas e políticas.

No que diz respeito aos intelectuais, suas atuações estavam voltadas não só à produção acadêmica, mas também à ação cultural. Isso pode ser testemunhado pelas suas diversas atuações em diferentes campos: na pesquisa sobre cultura regional, nas ações culturais das secretarias municipais e estaduais, em projetos que envolviam ações culturais e estratégias de desenvolvimento regional na UCS, nas ações culturais das associações italianas, dentre outras.

No caso dos empresários, as relações étnicas aparecem nos discursos que utilizam símbolos étnicos (caso do imigrante italiano) e os associam às noções de sucesso, espírito empreendedor, empresário, entre outras. De formas diferentes, os empresários, bem como os intelectuais, tornam-se promotores da valorização da cultura local, produto da imigração italiana e de relações interétnicas.

As relações entre empresários e intelectuais se estabelecem em razão do caráter político-intelectual orgânico das suas atuações. As atuações nos campos empresarial ou acadêmico nutrem o trabalho do intelectual orgânico e se sobrepõem a ele. Há distinções de atividades, porém, elas estão interligadas: uma influencia a outra e, certamente, se estabelecem permeadas por tensões políticas, sociais e culturais.

Resta, enfim, chamar a atenção para um aspecto peculiar de tal processo, a associação dos capitais econômico

<sup>28</sup> Segundo Lévi-Strauss (1974), o fato social total (tal como definido por Mauss) envolve a dupla preocupação de ligar o social e o individual, bem como o físico e o psíquico. O fato social total compreende diferentes modalidades do social, diferentes momentos de uma história individual, diferentes normas de expressão, desde fenômenos fisiológicos até categorias inconscientes e representações conscientes, individuais ou coletivas. Um aspecto fundamental dos fenômenos sociais totais, para Mauss, é o caráter ao mesmo tempo jurídico, econômico, estético, morfológico, etc. de tais fenômenos.

<sup>29</sup> Essa noção de empreendedor está presente na definição de Schumpeter (1982) para os empresários. Segundo esse autor, entre os atributos que definem o empresário está sua particular inserção na sociedade de classes na qual surge. Na interpretação que Ruben (1995) dá ao conceito schumpeteriano, o empresário é um sujeito essencialmente *declassé*, pelo menos em algum momento de sua trajetória. Ou seja, seu conjunto não forma uma classe social no sentido técnico (o que, para Schumpeter – diz Ruben –, é uma consequência de seu principal atributo: a possibilidade de materializar combinações novas entre os diferentes fatores de produção e as inovações tecnológicas).

e intelectual na promoção e valorização de um grupo étnico. Parece-me que essa associação de capitais pode explicar a intensidade de tal processo identitário, ocorrido, sobretudo, nos anos 1970-1980. E como foi demonstrado ao longo deste trabalho, as ações conjuntas entre intelectuais e empresários, seja na elaboração de ações culturais ou na implementação de estratégias de desenvolvimento regional, estão permeadas por simbologias dominantes, como são as representações nativas do trabalho e da imigração. De formas diferentes, os empresários e os intelectuais, no papel de agentes culturais, produziram representações simbólicas sobre a *italianidade*. De uma forma mais ampla, no entanto, os descendentes de imigrantes italianos sentiram-se identificados com a produção escrita sobre a temática da imigração. Essas narrativas foram incorporadas e reelaboradas pelos descendentes – e, em alguns casos, também por não descendentes. Os próprios empresários se utilizaram de tal produção e a incorporaram em seu discurso e nos informativos de suas empresas. Quando associaram o desenvolvimento da economia regional às origens italianas, eles, de alguma forma, reelaboraram e utilizaram um conhecimento acadêmico produzido pelos intelectuais. Sentiram-se, pois, respaldados por esse conhecimento acadêmico, que reconhecia e conferia visibilidade a um grupo étnico. Essas diferentes simbologias da *italianidade*, produzidas pelos agentes aqui investigados (empresários e intelectuais), não são fixas, mas se transformam, circulam por vários grupos na sociedade, são incorporadas, reelaboradas e traduzidas de diferentes formas, de acordo com as vivências, experiências e posições sociais dos indivíduos. Nesse sentido, a *italianidade* é produto de sentimentos, representações, estratégias, derivados dos encontros e confrontos entre distintos grupos e indivíduos.

## Referências

BARNES, J.A. 1987. Redes sociais e processo político. In: B. FELDMAN BIANCO (org.), *Antropologia das sociedades contemporâneas*. São Paulo, Global, p. 171-204.

BARTH, F. 2000. Os grupos étnicos e suas fronteiras. In: F. BARTH, *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro, Contra Capa, p. 25-67.

BORBA, S.V. 2003. *Indústria e estruturação do espaço regional: agentes da estruturação espacial na aglomeração urbana do nordeste do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, RS. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 287 p.

BOURDIEU, P. 1989. A identidade e a representação: elementos para uma reflexão crítica sobre a ideia de região. In: P. BOURDIEU, *O poder simbólico*. Rio de Janeiro, Difel, p. 63-72.

BOURDIEU, P. 2000. A ilusão biográfica. In: J. AMADO; M. de M. FERREIRA (orgs.), *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro, Editora FGV, p. 183-191.

BRUNEAU, T. 1974. *Catolicismo brasileiro em época de transição*. Rio de Janeiro/São Paulo, Instituto Brasileiro de Desenvolvimento (Ibrades)/Edições Loyola, 443 p.

CARNEIRO DA CUNHA, M. 1987. *Antropologia do Brasil: mito – história – etnicidade*. 2ª ed., São Paulo, Brasiliense, 173 p.

CHIARINI, A.M. 1992. *Imigrantes e italiani all'estero: os diferentes caminhos da italianidade em São Paulo*. Campinas, SP. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual Campinas, 174 p.

COHEN, A. 1978. *O homem bidimensional*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 171 p.

COSTA, R.; De BONI, L. A. 1996. *Os capuchinhos do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre/Caxias do Sul, EST/Correio Riograndense, 886 p.

FROSI, V.M.; MIORANZA, C. 1975. *Imigração italiana no Nordeste do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre/Caxias do Sul, Movimento/ISBIEP, 83 p.

GRAMSCI, A. 1978. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 244 p.

HERÉDIA, V.B.M. 1997. *Processo de industrialização da Zona Colonial Italiana*. Caxias do Sul, EDUCS, 240 p.

HERÉDIA, V.B.M.; MACHADO, M.A. 2001. *Câmara de Indústria, Comércio e Serviços de Caxias do Sul: cem anos de história*. Caxias do Sul, Maneco, 196 p.

KOFES, S. 2001. *Uma trajetória, em narrativas*. Campinas, Mercado de Letras, 192 p.

LÉVI-STRAUSS, C. 1974. Introdução: a obra de Marcel Mauss. In: M. MAUSS, *Sociologia e antropologia*. São Paulo, EPU, vol. II, p. 2-36.

LOPES, R.J. 2011. Círio de Nazaré: agenciamentos, conflitos e negociações da identidade amazônica. *Religião e Sociedade*, 31(1):155-181. <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-85872011000100007>

MAUSS, M. 1974. *Sociologia e antropologia*. São Paulo, EPU, vol. II, 331 p.

MINCATO, R. 2004. *A Igreja Católica na formação política de Caxias do Sul de 1964 a 1985*. Porto Alegre, RS. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 150 p.

MOCELLIN, M.C. 1993. *Narrando as origens: um estudo sobre a memória mítica entre descendentes de imigrantes da região colonial italiana no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, RS. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 202 p.

MOCELLIN, M.C. 1998. Trajetória de grupos empresariais e construção de identidades em meio à Região Colonial do Rio Grande do Sul. *Cadernos de Pesquisa: Universidade de Caxias do Sul*, 6(5):221-253.

MOCELLIN, M.C. 2008. *Trajetórias em rede: representações da italianidade entre empresários e intelectuais da região de Caxias do Sul*. Campinas, SP. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, 207 p.

MOCELLIN, M.C.; HERÉDIA, V.B.M.; GONÇALVES, M.C.S. 2012. Migrantes da fronteira: entre dois mundos. *Métis: História & Cultura*, 11(22):141-159.

MORAIS, J.L. 1989. *Perfil das universidades comunitárias*. São Paulo, Edições Loyola, 40 p.

MORAIS, J.L. 1999. *Randon, meio século de trabalho – 1949-1999: da prática à teoria, lições de história, economia e administração, com acertos e erros na cultura empresarial brasileira*. Porto Alegre, EST, 226 p.

POZENATO, J.C. 1995. *A regionalização como estratégia de acesso ao conhecimento*. São Carlos, SP. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de São Carlos, 136 p.

POZENATO, J.C. 1996. Algumas considerações sobre região e regionalidade. Caxias do Sul, IMHC-UCS, Mimeo, p. 1-8.

RIBEIRO, C.M.P.J. 2002. *Festa & identidade: como se faz a Festa da Uva*. Caxias do Sul, EDUCS, 279 p.

RUBEN, G.R. 1995. Empresários e globalização: prolegômenos de uma metodologia antropológica de compreensão e ação. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 28:71-87.

SANTOS, M. de O. 2004. *Bendito é o fruto: Festa da Uva e identidade entre os descendentes de imigrantes italianos de Caxias do Sul-RS*. Rio de Janeiro, RJ. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro/Museu Nacional, 330 p.

SCHUMPETER, J. 1982. *A teoria do desenvolvimento econômico*. São Paulo, Nova Cultural, 169 p.

SEYFERTH, G. 1993. Identidade camponesa e identidade étnica (um estudo de caso). *Anuário antropológico*, 91:31-63.

WEBER, M. 1994. Relações comunitárias étnicas. In: M. WEBER, *Economia e Sociedade*. 3<sup>a</sup> ed., Brasília, Editora da UnB, p. 267-277.

WEBER, R. 2002. A construção das origens: os "alemães" e a classificação trinaria. In: A.L.S. RECKZIEGEL; L.O. FÉLIX, RS: 200 anos definindo espaços na história nacional. Passo Fundo, Editora da UFPF, p. 207-215.

Submetido: 18/07/2014

Aceito: 31/10/2014